

Artigo – recensão:

Mephistofaustian Transluciferation (Contribution to the semiotics of poetic translation) – Haroldo de Campos

“Mephistofaustian Transluciferation” é um artigo de Haroldo de Campos, publicado em 1982 na revista *Dispositio*, vol.VII, nº19-20 que ilustra perfeitamente o seu conceito de Tradução. A versão portuguesa deste artigo - “Transluciferação Mefistofáustica” - é anterior à versão mencionada e é parte integrante da obra “Deus e o Diabo no Fausto de Goethe”, do mesmo autor, publicada pela Editora Perspectiva em 1981.

Haroldo de Campos inicia o seu artigo citando Walter Benjamin que, na sua obra “Die Aufgabe des Übersetzers” (1923), afirma que “Es gibt keine Muse der Philosophie, es gibt auch keine Muse der Übersetzung.” (“Não há uma musa da Filosofia, também não há uma musa da Tradução”). Porém, acrescenta que embora não tenha uma musa, poder-se-á dizer que a tradução tem um anjo e uma função angelical, também esta reconhecida por Benjamin: “However, it could be asserted that if it has no Muse, it has an Angel. In Walter Benjamin’s own conception, translation has a kind of angelical function...”(Campos: 1982).

A função angelical atribuída à tradução por Haroldo de Campos com base na teoria de Walter Benjamin é assim definida pelo facto de o autor considerar que a tradução tem uma função mensageira e anunciadora, tal como os anjos. E a mensagem que a tradução anuncia é a “língua pura” do texto original; é o ponto de convergência de intencionalidade de todas as línguas, o “modo de intencionar” (Campos: 1981) de todas as línguas, “Die Art des Meinens, die Art der intentio” (Benjamin:1923). Segundo Haroldo de Campos (1982) “Translation announces for the language of the original, the Mallarmean vision of the Pure Language.” A tradução será então a entidade que encontrará a afinidade electiva entre as línguas, e transmitirá na sua mensagem não a língua portuguesa, não qualquer outra língua no sentido tradicional, mas sim a Língua Pura.

Para encontrar a afinidade electiva entre as línguas e para alcançar a Língua Pura, a tradução será fiel. Será fiel ao “modo de intenção”, “Art des Meinens” de Walter Benjamin. Fidelidade para Haroldo de Campos, assim como para Walter Benjamin, não é

fidelidade no sentido “convencional”¹, não é transmissão inexacta de um conteúdo inessencial; é, sim, fidelidade à re-doação da forma, é hiperfidelidade. Citando Marx num discurso contra a censura em 1842: “A forma é minha propriedade, constitui a minha individualidade espiritual”, Haroldo de Campos defende que a forma é o que constitui a individualidade espiritual do texto, e é essa individualidade espiritual que a tradução, vai anunciar, é essa a sua função angelical de mensageira anunciadora.

Esta função angelical é contudo uma função angelical desafiadora, uma vez que não é a função convencionalmente atribuída à tradução. É uma tradução que se recusa submeter à tirania do conteúdo, à tirania do conteúdo inessencial da mensagem. Essa seria uma tradução medíocre. A tradução de Haroldo de Campos é *non-serviam* ao conteúdo inessencial da mensagem, é *serviam* à língua pura do original. É, não uma tradução, mas sim, uma transcrição, ou melhor, uma transluciferação porque, tal como o anjo Lúcifer, ousa cometer *hybris*, ousa ser desafiadora. É o original que serve a tradução, é o original que autoriza a tradução a pôr de parte o conteúdo inessencial da mensagem. A tradução usurpa o original e este converte-se numa tradução da sua tradução.

No seu artigo, Haroldo de Campos faz considerações sobre o conceito e a função da tradução e descreve o *modus operandi* da transcrição (aqui transluciferação pelo facto de a tradução ser *non-serviam*, tal como Lúcifer, e também porque o texto abordado pelo autor é “Fausto”, de Goethe).

Segundo o autor, num acto de transcrição criativa há que recorrer o percurso configurador da função poética no texto original, reconhecendo-o no texto de partida e reinscrevendo-o na língua do tradutor, para depois chegar ao poema transcrito como re-projecto isomórfico² do poema originário. A transcrição não é uma tradução. A transcrição é a migração de uma língua à outra recorrendo à tradução. É a migração da língua pura com recurso à tradução.

Haroldo de Campos exemplifica um acto de transcrição criativa recorrendo a uma passagem de “Fausto”, de Goethe; passagem essa também anteriormente citada por Jakobson and Waugh para ilustrar a afirmação “Palavras ligadas por som e sentido manifestam afinidades electivas capazes de modificar a conformação e o conteúdo das

¹ Terminologia do autor

² Posteriormente à publicação deste artigo, Haroldo de Campos abandonou o conceito de “isomórfico” para o substituir pelo conceito de “paramórfico”.

palavras envolvidas”.³ Nesta passagem de Fausto temos palavras ligadas por som e sentido que pelas suas afinidades electivas modificam a conformação e o conteúdo das palavras envolvidas.

Este texto de Haroldo de Campos, assim como a análise contrastiva do texto original, da sua transcrição por Haroldo de Campos e de várias traduções por vários autores é uma ilustração clara do que o autor denomina de transcrição/transluciferação.

A passagem de “Faust – Der Tragödie zweiter Teil” é a seguinte:

MEPHISTOPHELES: [...]

Glückzu den schönen Fraun, den klugen Greisen!

GREIF (schnarrend):

Nicht Greisen! Greifen! – Niemand hört es gern,
Dass man ihn Greis nennt. Jedem Worte klingt
Der Ursprung nach, wo es sich her bedingt:
Grau, grämlich, griesgram, greulich, Gräber, grimmig,
Etymologisch gleicherweise stimmig,
Verstimmen uns.

MEPHISTOPHELES: Und doch, nicht abzuschweifen,

Gefällt das *Grei* im Ehrentitel *Greifen*.⁴

Temos neste texto a reacção do Grifo ao sentir-se, por um mal entendido, chamado “velho”; que, numa fala caracterizada por um “jogo etimológico” à volta da figura fónica “grei” ou do dígrafo “gr” (área do que é velho) resultante num conjunto semântico de tom sombrio e triste, procura *desidentificar-se* do conceito “Greis” (velho), aceitando apenas a associação do fonema “grei” com a sílaba inicial do verbo “greifen” (agarrar).

O jogo etimológico e semântico baseia-se nos lexemas **Greis** (velho), **Greif** (Grifo),

Greifen= agarrar **Grife**= garra, unha **Grau**= pardo, cinzento, grisalho, sombrio, triste **Graemlich**= rabujento, triste, enfadado, de mau humor, melancólico

(**Gram**= aflição, pena, melancolia, desgosto)**Griesgram**= macambúzio

(**Gries, Griess**= areia, saibro, cálculo renal)**Greulich**= horrível

³ in Haroldo de Campos:1981

⁴ Goethe, Johann Wolfgang, Faust, Der Tragödie zweiter Teil, Reclam, Stuttgart, 1992, p.72

Graeber= (pl.de das Grab= sepulcros) **Der Graeber**= coveiro**Grimmig**= furioso, irado, zangado, terrível⁵

Segundo Haroldo de Campos a única forma de transcriar este texto para o português “só se poderá obter por uma operação radical, cuja virtude transfusora aja sobre os paradigmas (desprezando-se o sentido pontual desta ou daquela palavra isolada), para remobilizar no texto traduzido, um análogo contraponto de séries fono-semânticas, visando ao efeito icônico do todo [...]” (Campos:1981, p.183). O “sentido pontual desta ou daquela palavra isolada” é o conteúdo inessencial que será discardado e conteúdo essencial a transmitir será o “efeito icônico do todo”.

A transcrição deste texto para português reconstituiu o conjunto fono-semântico com base nos lexemas “gris, grisalho, grifo, grave, gralha, grasso, grosso, grés e grisalho”, todos eles do mesmo étimo ou raíz e com um sentido semântico ligado à velhice.

UM GRIFO, resmungando:

Gri, não de Gris, grisalho, mas de Grifo!

Do gris de giz, do grisalho de velho

Ninguém se agrada. O som é um espelho

Da origem da palavra nela inscrito.

Grave, gralha, grasso, grosso, grés, gris

Concertam-se num étimo ou raíz

Rascante, que nos desconcerta.

MEFISTÓFELES: O Grifo

Tem grito e garra no seu nome-título.

(Trad. de Haroldo de Campos)

A diferença entre o conceito de transcrição de Haroldo de Campos e o conceito convencional de tradução é ainda mais patente se compararmos esta tradução transcriativa com outras traduções de outros tradutores. Na versão portuguesa deste artigo o autor compara com a sua transcrição algumas traduções, que ele designa de “traduções comuns,

⁵ in: Campos:1981

naturais, destituídas de um projecto estético radical” e que segundo ele são de dois tipos: ou são traduções mediadoras, “que outra coisa não visam senão a útil tarefa de auxiliar a leitura do original”, e que se enquadram no conceito de fidelidade convencional atrás referido que rege o que o autor chama de traduções medíocres; ou são traduções medianas, “que procuram intermediar de maneira média [...] guardando da aspiração estética apenas as marcas externas de um dado esforço de versificação (a medida métrica) e de um deliberado empenho rítmico (a rima terminal, consoante)” (Campos: 1980, p.184).

Aos textos que se seguem são traduções da mesma passagem de “Fausto”, algumas referidas por Haroldo de Campos no seu artigo, outras recolhidas por mim.

Tradução de Agostinho D’Ornellas, 1873:

MEFISTÓFELES[...]

Vivam todos,

Belas mulheres, velhos respeitáveis²¹!

GRIFO (rosnando). Não são velhos, são Grifos**! –

[Ninguém gosta

De ouvir chamar-se velho. Cada termo

Da origem donde vem tira o sentido:

Velho, vilão, velhaco, vil, velhote,

Sons na etimologia quase análogos,

Desagradam-nos muito.

MEFISTÓFELES. Todavia,

Para não divagar, direi que “garras”

À ideia traz o título de Grifo.

²¹ [nota do tradutor] Para quem entende por tradução a reprodução fiel e escrupulosa do original, é difícil esta passagem da noite clássica de Walpurgis . Mefistófeles, estranho entre as criações da mitologia grega, confunde Greifen, Grifos, com Greisen, velhos. Aqueles repelem o equívoco, aludindo ao mesmo tempo às confusões de palavras só semelhantes no som, em que, ao dar os primeiros e mal seguros passos, tantas vezes caiu a

nascente ciência da linguagem. A série do original é: Grau, grämlich, griesgram, gräulich, Gräber, grimmig. Sendo impossível traduzir as palavras, conservando a intenção do autor, traduzi a ideia por uma série de palavras, que tendo aparentemente o mesmo radical, como as alemãs, são contudo, também elas, de diversa procedência etimológica. Se aqui pertencesse e eu tivesse tempo para me alargar sobre tal assunto, não sei onde seria levado pela sua riqueza e importância. Que lacrima e tear, que dia e jour brotem de raízes comuns, a ninguém parecerá possível, que não tenha estudado a questão. Mas se os vocábulos mais diversos foneticamente, são às vezes tão parentes, outras os mais semelhantes são profundamente diversos. Hoje mesmo, apesar dos progressos da ciência e de estarem descobertas muitas leis da mutação das letras, ainda aparecem frequentemente arriscadíssimas hipóteses. Entre as mais recentes publicações há, por exemplo, uma obra do Conde de Crawford e Balcarres, o mais antigo conde da Escócia, título que data do século 14º, querendo provar que o antigo etrusco era um dialecto alto-alemão.

** Ornellas tentou aqui agarrar, como se pode ver pela nota 21, as afinidades electivas das palavras usadas por Goethe. Se a relação Velho/Grifo não dá conta do jogo fónico original do par Greis/Greif, a verdade é que mais adiante Ornellas tenta restabelecer a cadeia aliterativa do texto em torno de “velho”. Em seguida procurou criar uma afinidade entre “garras” e “grifo”. Pena é que não tenha levado mais longe a possibilidade que referiu de traduzir não as palavras, mas “a ideia por uma série de palavras”.⁶

Relativamente a esta tradução, Haroldo de Campos considera que “Ornellas percebeu o problema, sem ter no entanto condições de resolvê-lo de maneira cabal.” (Campos:1980, p.186). Refere que, embora Ornellas tenha tentado reconstituir a aliteração do texto original em torno do termo “velho”, o par velho/Grifo não dá conta do jogo fónico do original. Acrescenta ainda que não foi capaz de pôr em prática a sua própria sugestão que refere na nota 21: a de traduzir não as palavras, mas a ideia por uma série de palavras; tradução esta que estaria mais próxima do conceito de recriação de Haroldo de Campos.

⁶ Nota de Paulo Quintela na edição de Fausto publicada pela editora Relógio D'Água em 1987 com introdução e notas de Paulo Quintela.

Tradução de Jenny Klabin Segall, 1970:

GRIFO (rosnando)

Grilos, não! Grifos! – ninguém quer que o chamem

De velho e Grilo! Inda que em todo termo tina

O som da base de que se origina

Grileira, grima, grife, gris, sangria,

Há concordância de etimologia,

Mas soam mal pra nós.

MEFISTÓFELES

Sonas não tarifo,

Mas vale o *grif* no honroso título de Grifo

Haroldo de Campos menciona a tradução de Segall e afirma que a tradutora se preocupou com a métrica e a rima, procurou um contraste entre “Grilo” e “Grifo”, mas que o vocábulo Grilo não é eficaz semanticamente, assim como não o é o vocábulo “grileira” nem o vocábulo “sangria”. Nada têm a ver com o tom sombrio da velhice e “sangria” nem sequer começa com dígrafo “gr”, apenas o contém no meio da palavra e é utilizado para rimar com etimologia.

Tradução de Rafael Cansinos Assens, 1951⁷

GRIFO. – (Chirriando) Nada de ancianos! Grifos! A nadie le hace gracia que lo llamen anciano. Encada palabra traslúcese el origen de donde procede; gris, canoso, caduco, sepulcros, feo, que suenan etimológicamente lo mismo, no resultan gratos a nuestros oídos.

MEFISTÓFELES. – Y, sin embargo, para no divagar, lo de Grei no desagrada en el título honroso de grifos.

⁷ Publicada pela editora Aguilar

Tradução de José Roviralta, 1998⁸

UN GRIFO (graznando). – Gofos, no! Grifos! A nadie le gusta oírse llamar gofo. Cada vocablo suena según el origen del qual deriva: grimoso, grotesco, granuja, grosero, gravoso, gruñon, etimológicamente suenan de un modo parecido, pero son malsonantes para nosotros.

MEFISTÓFELES. – Y, no obstante, sin desviarnos del asunto, la voz garfa no se aviene mal con el honroso título de grifo.

Estas são traduções em prosa que se enquadram no conceito convencional de tradução, e portanto no conceito de tradução mediadora de Haroldo de Campos. Não têm preocupações estéticas e pretendem render o texto alemão para castelhano na forma de tradução literal, com todas as consequências que isso implica.

Uma das consequências mais salientes nestas traduções é a desadequação do conteúdo “inessencial” do texto. Lemos nestas traduções que as palavras da série vocabular “suenan etimológicamente lo mismo” (Assens) ou etimológicamente suenan de un modo parecido” (Roviralta), quando isso não é verdade: “gris, canoso, caduco, sepulcros, feo” não têm etimologicamente nada em comum e grimoso, grotesco, granuja, grosero, gravoso, gruñon” apenas têm em comum o dígrafo inicial. “ También a frase “lo de Grei no desagrada en el título honroso de grifos” (Assens) é incoerente na medida em que Grei não se encontra na palavra Grifo.

Tradução de José María Valverde, 1996⁹

[...] Nobles damas, salud, graves ancianos²!

GRIFO (gruñendo).

⁸ Publicada por Ediciones Cátedra

⁹ Publicada pela Editora Planeta

Grifos, no ancianos! No le gusta a nadie
Que le llamen anciano. Las palabras
Suenan a su raíz, que las decide:
Gris, grifos, grajos, gruta, grave, grito,
Por su etimología semejante
No se molestan.

MEFISTÓFELES. Volviendo a nuestro asunto,
“grajos”, “garra”, “agarrar” van bien con “grifos”.

² Juego de palabras intraducible entre *Greisen* (ancianos) y *Greifen* (Grifos). Cuatro versos más adelante, hemos procurado reemplazar la serie de palabras que en original quieren relacionar “grifos” y “ancianos” con “agarrar”, creando a la vez una atmósfera sombría: *grau* (“gris”), *graemlich* (“melancólico”), *griesgram* (“gruñon”), *greulich* (“horrible”), *Graeber* (“sepulcros”), *grimmig* (“rabioso”), y más adelante, *Grei* (“garra”), jugando con *man greife*, “se agarre”, etc

Esta é uma tradução que, tal como a tradução de Agostinho D’Ornellas, é apoiada por uma nota de rodapé. Também como outras traduções, procura recriar a aliteração da série vocabular central, mas os vocábulos escolhidos perdem quer em semanticidade quer em etimologia, tendo apenas em comum, tal como acontece na tradução anterior, o início em “gr” .

IV - CONCLUSÃO

Através da leitura e comparação dos textos apresentados (original, transcrição e traduções) podemos observar que as características do texto de Haroldo de Campos são em todos os aspectos diferentes das características de todos os outros textos traduzidos.

Haroldo de Campos, não traduz as palavras, traduz o espírito.

Haroldo de Campos não capta a essência das palavras, capta a essência da emoção.

Haroldo de Campos não é fiel à informação documental ou semântica, é fiel à informação estética.

Haroldo de Campos usurpa o texto original, devora-o, apropria-se do que este tem de melhor - a sua informação estética – e recria-o num novo signo paramórfico.

Haroldo de Campos “makes-it-new”.

Textos de apoio

CAMPOS, HAROLDO DE, *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1981

-----, “Mephistofaustian Transluciferation: contribution to the Semiotics of Poetic Translation”, *Dispositio*, vol VII, Department of Romance Languages, University of Michigan, 1982

GOETHE, Johann Wolfgang, *Faust, Der Tragödie zweiter Teil*, Reclam, Stuttgart, 1992

-----, *Fausto*, Edición de Manuel José González y Miguel Angel Vega, Traducción de José Roviralta, Catedra, Letras universales, Madrid, 1998

-----, *Fausto*, Introducción de Francisca Palau Ribes, Traducción y notas de José María Valverde, Planeta, Barcelona, 1996

-----, *Fausto*, Introdução de Paulo Quintela, Tradução de Agostinho D’Ornellas, , Clássicos Relógio D’Água, Lisboa, 1987